



# DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

---

**Título** Introdução às traduções para o português

**Autor(a)** Douglas Kellner

**Tradutor(a)** Bárbara Santos

**Fonte** Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2 (*Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 2, número 1. 2, junho de 2018)

## Como citar este artigo:

Kellner, Douglas. “Introdução às traduções para o português”. Trad. Bárbara Santos. *Dossiê Herbert Marcuse, Parte 2 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1. 2)*, p. 6-8, junho de 2018.

# INTRODUÇÃO ÀS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS

Douglas Kellner

*University of California*

*Tradução de Bárbara Santos*

À medida que adentramos um novo século, marcado pelo ressurgimento do populismo de direita, pela resistência à hegemonia conservadora em movimentos organizados em torno de classe, raça, gênero e sexualidade, por lutas globais e pela revolução tecnológica, e por uma miríade de formas de agitação sociopolítica e de conflito entre o capitalismo e suas alternativas, a obra de Herbert Marcuse continua sendo de vital importância. Marcuse desenvolveu uma versão própria de “marxismo crítico” como tentativa de atualizar a teoria marxiana em resposta às mudanças nas condições históricas dos anos 1920 até os 1970.

Marcuse ganhou notoriedade como “pai da Nova Esquerda” na década de 1960, época em que foi visto como uma influência e defensor da chamada “Nova Esquerda” nos Estados Unidos e na Europa. Sua primeira grande obra em inglês, *Razão e revolução* (1941), traçou a gênese das ideias de Hegel, Marx e da teoria social moderna, demonstrou as semelhanças entre Hegel e Marx e introduziu muitos leitores de língua inglesa a estes últimos e ao pensamento dialético. Depois de servir no governo dos EUA de 1941 a 1950, o que Marcuse sempre alegou ter sido motivado pelo desejo de lutar contra o

fascismo, ele retornou ao trabalho intelectual e publicou *Eros e civilização* em 1955, livro no qual tentou uma audaciosa síntese de Marx e Freud e esboçou os contornos de uma sociedade não repressiva.

Posteriormente, Marcuse publicou em 1958 um estudo crítico sobre a União Soviética (*Marxismo soviético*) e uma ampla análise das sociedades capitalistas e comunistas avançadas em *O homem unidimensional* (1964). Este livro teorizou o declínio do potencial revolucionário nas sociedades capitalistas e o desenvolvimento de novas formas de controle social, tendo sido severamente criticado por marxistas ortodoxos e autores de diversas orientações políticas e teóricas. Apesar de seu pessimismo, o livro influenciou muitos na Nova Esquerda ao articular a crescente insatisfação que ela tinha com relação tanto às sociedades capitalistas quanto às comunistas soviéticas. A *O homem unidimensional* seguiu-se uma série de livros e artigos que articulavam a política da Nova Esquerda e críticas das sociedades capitalistas, como “Tolerância repressiva” (1965), *Ensaio sobre a liberação* (1969) e *Contrarrevolução e revolta* (1972).

Os ensaios reunidos neste volume ilustram a tentativa de Marcuse de, ao longo de sua vida, atualizar a teoria marxiana de acordo com as mudanças nas condições socioeconômicas e culturais geradas pelo capitalismo global e de teorizar formas contemporâneas de opressão, dominação, luta e emancipação. A obra de Marcuse na filosofia e na teoria social gerou controvérsias e polêmicas ferozes, e a maioria dos estudos sobre ela é altamente tendenciosa e frequentemente sectária. Embora grande parte da controvérsia envolvesse suas críticas às sociedades capitalistas contemporâneas e sua defesa de uma mudança social radical, em retrospecto, Marcuse nos deixou uma obra complexa e multifacetada comparável aos legados de Ernst Bloch, Georg Lukács, T.W. Adorno e Walter

Benjamin, e que continua hoje a ser relevante para a teoria crítica e a política radical em todo o mundo.